

# UM PRECURSOR DO COMÉRCIO FRANCÊS NO BRASIL

## I

### GALLÈS E SEU LIVRO

No decorrer de estudo a que procedíamos, há uns dois anos, na Biblioteca do Ministério da Fazenda, sôbre assunto em que, por dever de officio, andávamos então empenhados, deparamos com pequena brochura, que despertou nossa maior curiosidade. Associado seu título à data da impressão, era deveras de surpreender tal livro numa época em que é bem pobre a bibliografia, não só nacional como estrangeira, sôbre a matéria de que se ocupa o autor, cujo nome era para nós completamente desconhecido.

E a sua leitura em breve nos convenceu da importância da obra para o estudo das relações comerciais entre a França e o Brasil, após o restabelecimento da paz na Europa em 1814. E, provavelmente, pelo teor quase didático de suas informações, muito terá ela concorrido para a intensificação do comércio entre os dois países.

Intitula-se o livro, numa prolixidade bem ao gôsto do tempo: "DU BRÉSIL, OU OBSERVATIONS GÉNÉRALES SUR LE COMMERCE ET LES DOUANES DE CE PAYS, SUIVIES D'UN TARIF DE DROITS D'ENTRÉE SUR LES MARCHANDISES FRANÇAISES, ET D'UN TABLEAU COMPARATIF DES MONNAIES, POIDS ET MESURES".

Publicado em Paris, em dezembro de 1828, foi seu autor Ed. Gallès, nome que se encontra acompanhado dos seguintes attributos: "Membre de plusieurs sociétés d'instruction, et Subrécargue arrivant du Brésil".

Assim, ainda mal assinados estavam os primeiros convênios de comércio entre o Brasil e as principais potências européias, após o reconhecimento de nossa independência política, quando aquêlê livro, que tem noventa e três páginas *in 8.*, foi escrito. E suas observações, que não se limitam, apenas, ao terreno mercantil, como seu nome parece indicar, estendem-se, e não raro com singular agudeza, ao panorama social, político e religioso do país.

Embora o trabalho de Ed. Gallès fique muito aquê m da conhecida obra que seu compatriota, Horace Say, escreveu onze anos

depois — “Histoire des relations commerciales entre la France et le Brésil” — não pode deixar de nos parecer estranho o silêncio que em torno dele até hoje se fez. Na verdade, o nome de Ed. Gallès encontra-se ausente não só do texto como da bibliografia das mais importantes obras sobre o Brasil, nas quais o seu testemunho a respeito dos usos e costumes da época em que aqui esteve seria, talvez, tão valioso quanto o de outros estrangeiros que por aqui também andaram(1).

E releva notar que esse não foi o único trabalho que Gallès escreveu sobre nosso país — sua segunda pátria, como mais tarde diria — parecendo mesmo, pelo material que conseguimos coligir, muito haver feito em meados do século passado para o estabelecimento de uma linha de navegação regular entre a França e o Brasil, como tentaremos demonstrar.

\*  
\* \* \*

Não obstante a indiferença ou desconhecimento, por circunstâncias fortuitas talvez, que parece ter envolvido “Du Brésil”, que se encontra incluído, porém, na importante “Bibliographie Brésilienne”, de A. L. Garraux, bem como na “Biblioteca Exótico-Brasileira”, de Alfredo de Carvalho, aquêlê livro, como se vê das transcrições que se estendem por quinze páginas que o acompanham, numeradas fora do texto, foi objeto de calorosa recepção por parte da imprensa francesa da época(2).

O “Journal de Commerce de Paris”, de 16 de dezembro de 1828, comentava: “O comércio da França com o Brasil assumiu, nos últimos anos, grande extensão; muitas operações têm fracassado, no entanto, por falta de conhecimentos práticos sobre os artigos que convém àquêlê país, sobre o seu regime aduaneiro, sobre uma porção de pequenas coisas, enfim, que, em conjunto, concorrem mais do que se pode imaginar para o bom êxito das expedições. A obra que acaba de publicar o Sr. Ed. Gallès, *subrécar-*

---

(1). — O único autor no Brasil, em que vimos referência a Gallès e ao livro de que ora tratamos, é Adolfo Morales de los Rios Filho, em seu importante trabalho “O Rio de Janeiro Imperial”, onde “Du Brésil” aparece citado, a págs. 409, entre as obras que eram encontradas nas livrarias e alfarrabistas de antanho.

Na França, as observações de Gallès são invocadas, mais de uma vez, por Ferdinand Denis, em seu livro “Le Brésil”, Paris, 1837.

(2). — O fichário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro acusa a existência de dois exemplares desta obra. Mas sempre que os pedimos as requisições nos foram devolvidas com a seguinte nota: “Fora de lugar”. É possível que, de longa data, essa venha sendo a informação dada a todos quantos tenham procurado tomar conhecimento do livro. Não deixa de ser significativo o fato de “Du Brésil” não constar do “Catálogo da Exposição de História do Brasil”, realizada por aquela Biblioteca em dezembro de 1881, onde, entretanto, vem mencionado livro posterior de Gallès, de bem menor importância, ao qual nos reportaremos, oportunamente, neste trabalho.

que(3) recém-chegado do Brasil, contém preciosas informações a este respeito. É um trabalho que o tornará credor do reconhecimento dos armadores e a respeito do qual pretendemos voltar a ocupar-nos. Chamamos, por enquanto, a atenção de nossos leitores para o minucioso título da obra, prevenindo-os de que êle não indica tudo quanto de útil se encontra nesta publicação."

Bem mais longa é a apreciação do "Journal du Havre", de 20 do mesmo mês. O articulista comprazeu-se, porém, em respigar as informações menos lisongeiros existentes no livro de Gallès, principalmente sobre certas práticas dos funcionários de alfândega de então, para tecer alguns comentários bem azedos a respeito do Brasil. Entendia, assim, que a obra era de um homem que sabia escrever e dum comerciante que tinha visto muito, de olhos abertos. Lamentava, apenas, que o autor tivesse abusado algo das imagens laudatórias, na longa página com que depõe seu trabalho sob a aza protetora de Balguerie Júnior, pessoa, como se deduz, de importância no quadro político e social da época(4).

"Nas circunstâncias atuais", escrevia o "Indicateur de Bordeaux", de 24 de dezembro de 1828, "tudo que se relaciona com o Brasil deve excitar a curiosidade pública e o interesse do comércio. A França descuroou-se tanto dêste país, o qual oferece não só recursos como mercados imensos à nossa indústria, que hoje devemos assenhoriar-nos, com avidez, de tôdas as matérias que lhe digam respeito". Julgava, dêsse modo, que "Du Brésil" bem merecia os elogios que lhe haviam feito os jornais da capital, não duvidando de que o Ministro do Comércio, o que era confirmado pelas lisongeiros cartas que o autor dêle havia recebido, se apresaria a adquirir tal obra, indispensável às principais câmaras de

---

(3). — "Subrécargue, s.m. (de l'espagnol sobrecarga); formé de *sobre*, sur, et *carga*, charge). Agent spécial nommé par les armateurs pour veiller à la conservation et à la vente des marchandises qu'ils ont chargées, pour en acheter d'autres destinées au retour et recevoir le fret, attributions qui d'ordinaire appartiennent au capitaine" (Dictionnaire La Chatre, Paris).

O termo correspondente em português é *sobrecarga*, embora o Código Comercial Brasileiro, de 1850, na parte em que se ocupa do comércio marítimo, dêle não faça uso.

José da Silva Lisboa, visconde de Cairú, escrevia: "Entre nós se distinguem as três funções de Mestre, Sobrecarga e Piloto, ainda que podem combinar-se e simultaneamente achar-se no mesmo sujeito, conforme a extensão da ordem ou comissão do dono do navio. O Mestre é propriamente o encarregado do costeiro, carga, aprovisionamento, expedição, economia e descarga do navio no lugar do destino, onde finda a viagem do ajuste, não podendo ingerir-se em compra e disposição de efeitos de comércio. Sobrecarga é aquêle que é verdadeiramente posto sobre a carga, sendo-lhe cometida pelo proprietário ou armador do navio a negociação, que faz o objeto da viagem, e que tem em consequência o direito de cobrar os fretes e fazer tôdas as operações e despesas convenientes; o que não pode fazer o Capitão simples na presença do dito proprietário ou armador, ou do correspondente, e consignatários dêstes a quem representa" ("Princípios de Direito Mercantil e Leis de Marinha para uso da mocidade portuguesa, destinada ao comércio", Tratado IV, pág. 53. Lisboa, Impressão Régia, 1819).

(4). — Esta tendência para render homenagem, se não aos poderosos, pelo menos ao poder constituído, representado pelo que tinha de mais aristocrático, parece-nos que foi um dos traços acentuados do caráter de Ed. Gallès, como esperamos evidenciar no presente trabalho.

comércio do Reino. E, paternalmente, acrescentava: "Coragem, Snr. Gallès! É belo, em vossa idade, já ter títulos que vos tornam merecedor do reconhecimento público".

O articulista de "Kaléidoscope", de 1 de janeiro de 1829, traçava, em primeiro lugar, algumas normas aos que, em viagem, quizessem fixar suas impressões. "Se não conheceis suficientemente o desenho", dizia êle, "tomai uma pena e descrevei os objetos no mesmo instante em que ferirém vosso olhar. As impressões que êles então vos causarem serão as únicas exatas, as únicas que deveis transmitir a vossos leitores; outras quaisquer irão é enganá-los". E isto para ponderar: "O Snr. Ed. Gallès seguiu, quase sempre, êste sábio preceito no pequeno volume que acaba de publicar, e sentimo-nos felizes em poder anunciar que estas notas sôbre os costumes e os hábitos brasileiros são, em geral, de grande exatidão, não porque elas se encontram de perfeito acôrdio com o que dissemos a respeito dêste rico país em nosso "Promenade au-tour du monde", mas porque as curtas páginas que acaba de oferecer ao público nos transportaram de novo àquêle solo prenhe dos tesouros de uma natureza tão generosa mas tão negligenciada". Embora pudessem ser apontados alguns erros no livro, que não tinham, a seu ver, qualquer importância, julgava-o indispensável aos comandantes de navios que não conheciam o Brasil. E prosseguia: "Êles (os comandantes de navios) não têm outra coisa a fazer senão quiar-se pelos conselhos que lhes são dados, pois se livrarão de muitos aborrecimentos, além de pouparem aos seus comitentes muitas despesas inúteis. Jamais agenda alguma foi tão rica em documentos assim preciosos e não utilizá-los é correr o risco de perdas certas. O Snr. Gallès tem direito ao reconhecimento do comércio." E referindo-se, finalmente, ao estilo da obra como "conciso, exato, cheio de calôr", asseverava que o seu autor pensava como negociante e escrevia como publicista (5).

"Le Propagateur" não podia demonstrar maior apreço pelo trabalho de Gallès do que o fêz em sua crítica de 1.º de janeiro de 1829: "Guiado pelos mais louváveis sentimentos, nosso jovem compatriota, Snr. Gallès, publica, sob o título "Observações", os dados e fatos que coligiu durante sua viagem ao Brasil: apressamo-nos em recomendar a nossos leitores esta importante obra, que contém coisas verdadeiramente úteis para o comércio e que traz

---

(5). — Graças ao título do livro — "Promenade autour du monde" — de que o crítico de Gallès se diz autor, foi-nos possível estabelecer sua identidade, e esta empresta, sem dúvida, maior valor àquela apreciação. Trata-se de Jacques Arago, de famosa família, o qual tomou parte na viagem de circumnavegação feita a bordo da corveta "Uranie", de 1817 a 1821, sob o comando de Louis de Freycinet. Foi quando esteve no Brasil, aonde voltou posteriormente. Escreveu "Promenade autour du monde", a que se seguiu "Voyage autour du monde", que teve várias edições. Viveu em Bordeaux, onde fundou o "Kaléidoscope". Além de jornalista emérito, foi fecundo escritor teatral, embora atacado de cegueira. Nascido na França em março de 1790, morreu em janeiro de 1855, ao desembarcar pela quinta vez no Brasil ("La Grande Encyclopédie", de Berthelot).

a marca dum espírito observador e dum patriotismo esclarecido. Devem ser levadas a crédito do autor as numerosas pesquisas que foi obrigado a realizar, para obter os curiosos conhecimentos e as informações precisas que contém sua publicação; ela se tornará, com certeza, um guia indispensável a todos aquêles que mantêm relações comerciais com o Brasil e que desejam ser esclarecidos sobre os passos a dar e os inconvenientes a evitar. As descrições de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro serão lidas com grande interesse, mas o que sobretudo nos parece digno de apreço são os pormenores escrupulosos que o autor fornece a respeito das alfândegas do país que acaba de visitar, pormenores cujo conhecimento, doravante, se torna essencial a todos quantos desejem operar sobre bases seguras e pôr-se ao abrigo dos contratemplos, que a ignorância dos fatos não raro acarreta". Ao publicista, entretanto, pareceram exagerados, também, os epítetos elogiosos de que se acha repleta a dedicatória a Balguerie Junior, os quais nada juntavam aos títulos de estima que possuía aquêle cidadão. Discordava o jornalista, ainda, de algumas opiniões de caráter político e filosófico que Ed. Gallès avançara, o que, porém, não o impedia de julgar que o seu jovem compatriota, que fazia jús ao reconhecimento público, acabava de prestar um verdadeiro serviço a seu país.

Sem restrições de qualquer natureza era a análise da "Revue Commerciale et Maritime" (6), também de 1.º de janeiro de 1829. "Observações cheias de sabedoria e elevação, apreciações extremamente justas, conselhos destinados a prestar ótimos serviços, dados estatísticos plenos de interesse, eis o que notamos, com prazer, no escrito do Snr. Ed. Gallès", dizia o crítico. E acrescentava: "O autor não obteve por correspondência as descrições e documentos que nos apresenta; nem foi do recesso de seu gabinete que visitou os portos do Brasil: êle tudo viu, tudo julgou por si próprio. Se nos oferece particularidades do comércio, da administração, dos direitos alfandegários dêste país, foi a pêso de ouro e após mil pesquisas que as pôde conseguir; se nos associa aos usos, aos hábitos dêstes longínquos lugares, é porque os estudou conscienciosamente". E o articulista reconhecia que para avaliar obra de tal gênero forçoso seria transcrevê-la quase por inteiro. Limitava-se, pois, a resumí-la em breves linhas, concluindo: "Demos nossa opinião com franqueza, primeiro dever do homem que pretende julgar outro; já felicitámos sinceramente o Snr. Gallès pelo verdadeiro serviço que acaba de prestar ao comércio; desejamos felicitá-lo, ainda, predizendo, sem receio de nos enganar-

---

(6). — A crítica da "Revue Commerciale et Maritime", bem como as duas anteriores de "Kaléidoscope" et "Le Propagateur" não trazem indicação da cidade em que êstes órgãos eram publicados. Com referência a "Kaléidoscope", vide nota 5.

mos, que sua obra passará a ser o *vade mecum* indispensável de todos que se ocupem com expedições marítimas”.

Esta série de críticas é, finalmente, encerrada com uma carta, datada de 16 de dezembro de 1828, dirigida ao autor de “Du Brésil”, na qual, acusando o recebimento de seu trabalho, o Ministro do Comércio da França prometia lê-lo com grande interesse, certo de que o valor da obra o levaria a adquiri-la “para tôdas as câmaras de comércio do reino”.

\*  
\*   \*  
\*

Terão os críticos de Ed. Gallès sido excessivamente pródigos na apologia de seu livro, admitindo mesmo que alguns dêsses louvores, que têm o matiz de sermão encomendado, houvessem decorrido da interferência pessoal do autor? Parece-nos que não, se considerarmos que se tratava, talvez, da primeira obra que surgia na França a dar informações nítidas e amplas, com um espírito essencialmente prático, a respeito das possibilidades comerciais de um país, para onde se voltavam os olhos ávidos da Europa.

Dos vários livros publicados até 1828 sôbre o Brasil, após a abertura de seus portos ao comércio direto estrangeiro, destacam-se os dos viajantes ingleses, como John Mawe (7), Henry Koster, nascido, aliás, em Portugal (8), James Henderson (9), Gilbert F. Mathison (10), Maria Graham (11), Alexander Caldcleugh (12), John Luccock (13), ao lado dos quais se colocam os naturalistas germânicos Spix e Martius (14) e o Príncipe Maximiliano de Wied (15). Na França apresentam-se, no mesmo período, Hippolyte Taunay

- 
- (7). — John Mawe — “Viagens ao interior do Brasil principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes”, Londres 1812. Tradução de Solena Benvides Viana, com introdução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa, Rio de Janeiro, 1944.
  - (8). — Henry Koster — “Viagens ao Nordeste do Brasil”, Londres, 1816. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo, São Paulo, 1942.
  - (9). — James Henderson — “History of the Brazil, comprising its Geography, Commerce, Colonization...”, Londres, 1821.
  - (10). — Gilbert F. Mathison — “Narrative of a Visit to Brazil, Chile, Peru and the Sandwich Islands”, Londres, 1825.
  - (11). — Maria Graham — “Journal of a Voyage to Brazil and Residence there during part of the years 1821, 1822, 1823”, Londres, 1824.
  - (12). — Alexander Caldcleugh — “Travels in South America during the years 1819-20-21”. Londres, 1825.
  - (13). — John Luccock — “Notas sôbre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil”, Londres, 1820. Tradução de Milton da Silva Rodrigues, São Paulo, 1942.
  - (14). — Joh. Bapt. Von Spix e C. F. Phil. Von Martius — “Travels in Brazil in the years 1817-1820”. Tradução inglesa de H. E. Lloyd, Londres, 1824.
  - (15). — Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied — “Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817”, Frankfurt, 1820. Tradução de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, refundida e anotada por Olivério Pinto, São Paulo, 1940.

# DU BRÉSIL,

OU

## OBSERVATIONS GÉNÉRALES

### SUR LE COMMERCE

### ET LES DOUANES DE CE PAYS.

SUIVIES

D'UN TARIF DE DROITS D'ENTRÉE SUR LES  
MARCHANDISES FRANÇAISES,

ET D'UN

Tableau comparatif des Monnaies, Poids et Mesures :

PAR ED. GALLES,

MEMBRE DE PLUSIEURS SOCIÉTÉS D'INSTRUCTION, ET SURRÉGARGON  
Arrivant du Brésil.

*Dédié à M. Balguerie junior.*

PRIX : 5 FRANCS.

BIBLIOTECA DE ESTUDIOS GONCALVES  
MINISTERIO DA FAZENDA  
BIBLIOTHECA

PARIS,

A LA LIBRAIRIE DU COMMERCE,

CHEZ RENARD, LIBRAIRE,

RUE SAINTE-ANNE, N° 71.

— 1828 —

Décembre 1828.

Fig. 1.

Página de rosto do livro de Ed. Gallès.

**DU BRÉSIL,**  
OU  
**OBSERVATIONS GÉNÉRALES**  
SUR LA DOUANE ET LE COMMERCE  
DE CE PAYS.

---

**INTRODUCTION.**

LES ressources et le débouché extraordinaires que présentent les différens ports du Brésil au commerce français; les besoins toujours croissans de ce vaste empire, tant de nos produits agricoles que manufacturiers; les richesses intarissables de son sol, l'immensité des trésors que la nature s'est plu à prodiguer sur ces terres encore vierges; la consommation presque incroyable qui pourrait s'y effectuer de nos vins et spiritueux, si le négociant connaissait d'une manière précise et physique le goût et le palais brésiliens;

Les pertes effrayantes auxquelles sont exposées les maisons qui se destinent à exploiter ces

e Ferdinand Denis(16), Louis de Freycinet(17), Jacques Arago(18), Anglievel la Beaumelle(19), além do Barão de Rous-sin(20) e de Alphonse de Beauchamp, com sua história do Brasil, em três volumes(21). Auguste de Saint-Hilaire(22) mal fizera entrever, então, o que seriam suas extraordinárias publicações sô-bre nosso país, em anos subseqüentes.

Todos êsses autores, alguns dos quais inteiramente absorvidos por suas pesquisas de caráter científico, mal se detiveram em considerações sôbre o comércio exterior do Brasil e práticas a êle inerentes, com exceção de John Mawe e John Luccock, que dispensaram maior atenção ao assunto, embora sob o ponto de vista britânico. Não poderiam tais livros, portanto, exercer acentuada influência na França sôbre o ânimo dos que pretendessem estender seu campo de ação ao novo entreposto da América. E nem mesmo de grande auxílio lhes poderia ser o trabalho de Anglievel La Beaumelle, não obstante seu prometedor título: "De l'Empire du Brésil considerée sous ses rapports politiques et commerciaux". Na verdade, as informações de La Beaumelle, sem maior importância em relação às possibilidades de intercâmbio comercial de sua pátria com o Brasil, eram meramente accessórias dentro do plano geral do livro.

Mais esclarecedor seria, sem dúvida, apesar de seu pequeno volume, o opúsculo que veio a intitular-se na tradução português-a: "Documentos relativos ao Commercio dos novos Estados da America, comunicados pela Secretaria Principal do Commercio de França às principais Camaras do Commercio do Reyno, vertidos em lingua vulgar"(23). Discorre êste folheto sôbre as condições comerciais do México, Colombia, Perú, Chile e Brasil, indicando as mercadorias que a França poderia mandar com boas perspectivas de lucro para o nosso país, e que eram "modas, jóias, móveis preciosos, chapéus, sapatos, sêdas de tôdas as qualidades e uma imensidade de outros artigos". Mas tratando-se de um comunicado oficial às "principais Câmaras do Comércio do Reino", não pode deixar de causar espécie, diga-se de passagem, esta sua observação: "Também nos pôdíamos fazer senhores do abasteci-

- 
- (16). — Hippolyte Taunay e Ferdinand Denis — "Le Brésil ou Histoire, Mœurs, Usages et Coutumes des Habitans de ce Royaume". Paris, 1822.  
Ferdinand Denis — "Résumé de l'histoire du Brésil suivi du Résumé de l'histoire de La Guyane". Paris, 1825.
- (17). — Louis de Freycinet — "Voyage autour du monde", Paris, 1827.
- (18). — Jacques Arago — "Promenade autour du monde", Paris, s/d. (Vide nota 5).
- (19). — Anglievel La Beaumelle — "De l'Empire du Brésil considerée sous ses rapports politiques et commerciaux", Paris, 1823.
- (20). — Albin B. Roussin — "Le Pilote du Brésil ou Description des Côtes de l'Amérique Meridionale...". Paris, 1828.
- (21). — Alphonse de Beauchamp — "Histoire du Brésil, depuis sa découverte en 1500 jusqu'en 1810", Paris, 1815.
- (22). — Auguste de Saint-Hilaire — "Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil, la Province Cisplatine et les Missions dites du Paraguay", Paris, 1823.
- (23). — Lisboa. Impressão Régia, 1826, 48 páginas. Exemplar existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

mento dos vinhos, porque está provado que os da Província do Languedoc podem facilmente passar por vinhos do Pôrto, por meio de uma breve preparação; e isto havendo a precaução de os transportar em pipas de construção semelhante às das pipas portuguesas: porém se esta empresa se cometesse era preciso contentar-se, no princípio, com um pequeno lucro". Outras informações dá ainda a mesma publicação a respeito do comércio francês com o Brasil, bem como sobre "tarifas e regulamentos mercantis", mas todas elas não ocupam mais de sete de suas páginas.

Não é de estranhar, assim, o entusiasmo com que foi recebida na França a obra de Ed. Gallès que, no gênero, parece que não encontrava outra com que pudesse ser comparada.

Escrito em linguagem que denuncia em seu autor desenvoltura intelectual, que não seria corriqueira num homem de negócios, "Du Brésil" procura ser algo mais do que simples repositório de áridas informações comerciais. Jovem ainda, quando de sua estada no Brasil, segundo dão a entender os criticos de seu livro, mas pertencendo já a "diversas sociedades de instrução", Ed. Gallès, contemporâneo de Lamartine, Victor Hugo, Chateaubriand, Saint-Beuve, Benjamin Constant, não deve ter vivido, indiferente, os anos agitados da Restauração, da luta entre o absolutismo e o liberalismo. É natural, pois, que tanto o houvessem impressionado as condições sociais do Brasil, arrancando-lhe frases grandiloquentes de revolta as cenas de escravos que presenciara. Mas seu depoimento sobre outros aspectos do país, embora demonstre atilado senso de observação, não deixa de pecar, às vezes, por parcialismo ou conhecimento menos seguro do assunto de que trata.

\*  
\* \* \*

Gallès, na introdução de seu livro, esclarece: "Treze meses passados na capital e em outros portos do Brasil, no exercício de importantes operações, bem como as relações que em virtude de minha posição era eu obrigado a manter com as notabilidades do país, deram-me ensejo de conhecer todas as dificuldades que cercam o comércio deste império, podendo acrescentar que o material que consegui colher, para erigir meu frágil edifício, não se obtém senão a pêsso de ouro e à custa de muito trabalho". Deve êle, portanto, ter chegado ao Brasil em meados ou fins de 1827, uma vez que seu trabalho foi publicado em dezembro do ano seguinte, logo após seu regresso à França.

"Du Brésil", como já observamos, foi dedicado, em longo e entuoso panegírico, a Balguerie Junior, nome de tantas virtudes e tão enaltecido pela voz pública, diz Gallès, "que chega a ser distinguido pela confiança diplomática dos monarcas do outro hemisfério, parecendo à França industrial e política que tal nome deve

andar à frente de tudo quanto diga respeito ao comércio, às ciências e à administração”.

Na verdade, o nome Balguerie encontra-se intimamente ligado à história do comércio marítimo da França. Pierre Balguerie-Stuttemberg, nascido em Bordeaux em 1779 e falecido em 1825, descendia de um comerciante que tinha perdido quase toda sua fortuna na revolução de São Domingos, e foi, por sua vez, industrial e homem de comércio de largos vãos. Firmada a paz na Europa, após a queda de Napoleão, Pierre Balguerie, ampliando extraordinariamente seu campo de atividades, armou os primeiros navios que fizeram reaparecer o pavilhão francês nos portos da China e da Índia. Promoveu grandes obras, como a construção ou acabamento de vários portos na França, entre os quais o de Bordeaux, o de Libourne e o de Bergerac. Fundou importantes indústrias e foi diretor da caixa econômica e do Banco de Bordeaux, conselheiro municipal e membro do conselho de comércio. Tal foi a importância de seus empreendimentos que Luiz XVIII fê-lo cavalheiro da Legião de Honra, tendo um dos bairros de sua cidade natal sido batizado com o seu nome(24).

Se a biografia de Pierre Balguerie-Stuttemberg não esclarecesse que ele fôra pai de três filhas apenas, seriam levados a crer que Balguerie Júnior, a quem Ed. Gallès tantos louvores cantou, era seu filho. Mas não erramos, provavelmente, em admiti-lo como seu parente próximo, sobrinho talvez, ou irmão. E embora Gallès nada esclareça a este respeito, não será demais concluir que sua viagem ao Brasil foi realizada por conta de alguma das empresas de Bordeaux, fundadas por Pierre Balguerie-Stuttemberg.

\*  
\* \* \*

Ao iniciar-se a leitura de “Du Brésil”, dá-nos seu autor logo a impressão de um homem realmente experimentado nas lides de sua profissão. Vejamos como ele justifica o aparecimento de seu livro: “Os recursos e a capacidade extraordinária de absorção que oferecem os diversos portos do Brasil ao comércio francês; as necessidades sempre crescentes deste vasto império, tanto de nossos produtos agrícolas como manufaturados; as riquezas inesgotáveis de seu solo, a imensidade dos tesouros que a natureza prodigalizou a estas terras ainda virgens; o consumo quase inacreditável que aí poderiam ter nossos vinhos e espirituosos, se o negociante conhecesse de um modo preciso e material o gosto e o paladar dos brasileiros; as perdas assustadoras a que estão sujeitas as casas que se dedicam a explorar estas paragens, sem noções exatas

(24). — “La Grande Encyclopedie”, de Berthelot, s/d, e “Biographie Universelle Ancienne et Moderne ou Dictionnaire de Tous les Hommes”, Bruxelles, 1843-47.

e com o desconhecimento de suas necessidades; os gastos exorbitantes que podem ser evitados, possuindo-se dados certos e concatenados a respeito do país; as dificuldades que há em encontrar-se na França êsses elementos, baseados na experiência e boa fé; os vexames alfandegários de que se é vítima, quando se ignoram os meios de atenuá-los ou de repeli-los pelo direito; os atrasos, sempre prejudiciais, que sofrem os capitães que desconhecem as disposições das leis aduaneiras; uma imensidade, enfim, de importantes considerações de economia comercial, o desejo e a convicção de ser útil a meus concidadãos ou a alguns amigos apenas, bem como os conselhos das principais casas comerciais do Havre e da capital decidiram-me a escrever estas reflexões”.

E ao dar conta de seu propósito, esperava Gallès que seu modesto trabalho, como êle o classifica, pudesse chamar a atenção de pena mais experimentada, pois uma obra bem escrita sôbre êste assunto, que tivesse certa divulgação, estaria destinada a desempenhar um fim moral, esclarecendo os consignantes de seus direitos e dando aos consignatários das mercadorias a obrigação de cumprirem dignamente seu mandato. Tremera ao pensar que “uma diferença de gôsto ou de côr seria o suficiente para arruinar um pequeno comerciante de pacotilha, uma casa, uma família, uma sociedade industrial”, para não falar das catástrofes que poderia acarretar um têrmo mal empregado num contrato de fretamento. Como a emigração dos franceses para o Brasil se tornava dia a dia mais considerável, não só os viajantes como os capitães e os armadores dos navios tinham necessidade de ser devidamente orientados. “A França”, acrescenta Gallès, “descuidou-se por muito tempo do comércio com o Brasil e ainda hoje desconhece sua importância, porquanto o descaso com que são organizados nossos carregamentos para aquelas regiões bem demonstra que ainda não nos apercebemos das vantagens que oferecem à nossa balança comercial”.

E, realmente, quem lucrara com tal descaso fôra a Inglaterra, a qual gozava, aliás, desde 1810, de favores alfandegários que só em 1826 a França havia conquistado, como remate das negociações para o reconhecimento da independência do Brasil.

Mas não foi, próprioamente, o volume do comércio inglês com o nosso país que mereceu especial reparo do autor de “Du Brésil”; o que êle não deixava de acentuar é que, enquanto a França permanecia de olhos vendados, a Inglaterra já tinha estabelecido aqui companhias, que extraíam tesouros incalculáveis das lavras de Minas Gerais.

Não fôra, assim, sem propósito, prosseguia Gallès, que “o autor da Carta (Luiz XVIII), o qual, como Montesquieu, tinha idéias tão amplas quanto exatas sôbre as necessidades das nações, e cujo olhar penetrante sabia divisar o futuro”, havia ordenado, em 1820, uma expedição ao Brasil, sob o comando do almirante

Roussin, "com o fim único de fazer o levantamento matemático da costa..."(25). É que revelando agudo faro político, Luiz XVIII desejava facilitar a navegação entre a França e o Brasil, "porque estava certo", afirma Gallès, "de que este país, em vésperas de realizar sua revolução, poderia oferecer, no futuro, escaadouros imensos não só às nossas manufaturas como à nossa indústria". O autor da Carta já tinha, aliás, no que apoiar suas conclusões: "Político profundo, grande administrador, ele previa que a exemplo da República Argentina, o Brasil, sacudindo o jugo da metrópole, elevando um templo à liberdade sobre as ruínas da escravidão, tornando-se livre, enfim, para escolher suas relações comerciais e obter os objetos de seu consumo, deveria, sem dúvida, voltar seus olhos para a França, para a satisfação das necessidades de seu luxo e de sua vida animal, necessidades estas que acompanham sempre de perto uma nação que se liberta, e que são o efeito inevitável da introdução das ciências e das artes entre os povos".

E confirmando a observação feita por quase todos os viajantes, sobre os costumes brasileiros da época, acrescentava Gallès: "O consumo (de mercadorias), que me parece digno, desde já, de merecer cuidadosa atenção, quer do governo, quer do comércio francês, se ressentia necessariamente, ainda hoje, do costume antigo que não permite às mulheres destas regiões ver a luz do dia senão do interior de suas casas".

Mas na ocasião em que nosso viajante aqui esteve, outro entrave seríssimo embarçava as relações mercantis do Império: "A guerra obstinada com Buenos Aires e que eu considero interminável", ponderava Gallès com grande propriedade, "enquanto o Brasil pretender conservar as mesmas pretensões sobre a Província Cisplatina, pois que o orgulho e a ambição falam sempre mais alto do que a sabedoria e a moderação entre os homens; a guerra, repito, golpeia também rudemente o comércio do Rio de Janeiro e do Brasil em geral; cada dia que passa conta com o apresamento, mais ou menos numeroso, de embarcações e navios pertencentes aos brasileiros; e não raro a capital não pode atender às necessidades de sua exportação, pois os proprietários das mercadorias têm receio de ser aprisionados durante a pequena navegação, que são obrigados a fazer de suas plantações à cidade. Este estorvo

---

(25). — Esta expedição, que teve início em 1819, durou 19 meses. O levantamento realizado compreendeu 900 léguas de costa, ou seja, de Santa Catarina a São Luiz do Maranhão. Seu autor que, dada a importância de seu trabalho, foi distinguido pelo rei da França com o título de barão e condecorado por D. Pedro I com a comenda do Cruzeiro, publicou suas observações nessa obra sumamente árida "Le Pilote du Brésil ou Description des Côtes de l'Amérique Meridionale, comprises entre l'île Santa Catarina et celle de Maranhão avec les instructions nécessaires pour atterrir et naviguer sur ces côtes", Paris, Imprimerie Royale, 1823. Ver "Biographie de l'Amiral Baron Roussin: 1781-1854", Paris, 1892.

acarreta amiude a carestia dos gêneros, a qual, por sua vez, provoca inevitável alta de preços”(26).

\*  
\* \* \*

O tráfico de escravos, ainda então intensíssimo, apesar das medidas repressoras adotadas pela Inglaterra, foi a coisa que mais feriu a sensibilidade de Gallès, no Rio de Janeiro. “É comum”, dizia êle, “ver chegar navios negreiros com quinhentos a seiscentos escravos, comprimidos uns contra os outros, como o gado que os nossos carneiros enviam ao corte. Estas inocentes vítimas da civilização são trocadas e adquiridas exatamente com as mesmas formalidades que os nossos animais na Europa”. E Gallès continuava, revoltado: “Et il faut rougir de porter le nom d'homme quand on entend dire à un Brésilien: “Je donnerais 100 fr. de plus de cet homme, s'il était plus gras, et qu'il eût l'oeil plus animé...”. E para dar prova de seus conhecimentos lingüísticos, apressava-se a aduzir, na língua original, parte da frase que tanto o havia ferido: “*Eu dacare 16.000 réis de mas por êsse homem, se me paresse mars gorde*”... Era o espetáculo dos leilões de escravos, com o seu cortejo de horrores, onde o observador de melhores sentimentos ficava em dúvida se devia chorar ou rir, quando ouvia “o charlatão” gritar com todo sangue frio (e aqui vai a frase no português insólito de Gallès): “*Pois enton seignors, coragem, à 130.000 réis homem*”.

E contra tal ignomínia clamava o autor de “Du Brésil”, lamentando que a História tivesse de dar conhecimento dêsses sacrilégios à posteridade, que difficilmente poderia acreditar que êles houvessem tido lugar nos domínios de reis cristãos, e num século em que as idéias de liberdade abrasavam os homens nos dois hemisférios(27).

---

(26). — O tratado preliminar de paz entre o Brasil e a Argentina foi assinado em 27 de agosto de 1828. Gallès observa, aliás, em nota ao pé da página, que, na ocasião em que seu livro se encontrava no prelo, anunciavam os jornais o término das hostilidades entre os dois países. É de surpreender que no comentário, que acima transcrevemos, êle não fizesse qualquer referência ao apresamento dos navios mercantes francezes feito pelo Brasil, em virtude do bloqueio do Rio da Prata, fato que culminou com a entrada, no Rio de Janeiro, de uma esquadra sob o comando do Almirante Roussin, para apoiar o protesto da França. (Ver João Pandiá Calogeras, “A Política Exterior do Império, vol. II, Rio de Janeiro, 1928, págs. 441-442; Alberto Rangel, “Trasanteontem”, São Paulo, 1943, págs. 207 e seguintes; Barão do Rio-Branco, “Efemérides Brasileiras”, Rio de Janeiro, 1946, págs. 314-15).

(27). — Se muitos são os depoimentos de viajantes estrangeiros sobre a triste condição dos escravos no Brasil, não faltam, também, os dos que a pintaram com cores mais róseas, como Ferdinand Dinis, ao tratar da Bahia, na parte que lhe coube no livro escrito de parceria com Hippolyte Tauxay (op. cit., pág. 93); C. Schlichthorst (“O Rio de Janeiro

E Gallès aduzia, com uma eloquência à altura de nossos futuros abolicionistas: “É em vão que penas venais tentarão provar que êste tráfico infame é um mal necessário à prosperidade do país em que êle se opera; é em vão que, por meio de princípios especiosos ou de sofismas dignos de séculos bárbaros, procurarão insinuar-nos que, por causã do pequeno movimento emigratório de europeus para o Brasil, êste país, desprovido de fôrça numérica, está reduzido à cruel necessidade de saquear os silenciosos e selvagens desertos da África, para ter braços... Braços?... Insensatos! Para que servem êstes braços presos nas cadeias da servidão?”.

Os danos que a escravatura causava a uma sociedade indolente, acostumada a nada fazer(28), e de que outros viajantes pintaram curiosos aspectos, não escapariam, também, à sua atilada percepção: “E vós, classe ociosa, que repousais inteiramente sôbre o trabalho dêstes infelizes, para a satisfação das necessidades de vossa vida animal, vós desconheceis o mal involuntário que vos causam vossos escravos; vós esqueceis que a máquina melhor combinada, o mecanismo mais perfeito, que ficam em contínua inatividade acabam por estragar-se um dia; vós esqueceis que os serviços e trabalhos, que exigis de vossos escravos, se ressentem sempre de sua estupidez e de seu barbarismo; vós esqueceis que poderíeis fazer numa hora o que êles fazem, imperfeitamente, num dia; e vós não refletis que, deixando tudo a cargo dêles, perdeis em energia e em indústria o que êles ganham na proporção de suas faculdades”.

E Gallès terminava, confiante na futura emancipação da raça negra: “Mais c'est assez: détournons les yeux d'un tableau dont les couleurs sinistres doivent soulever tous les cœurs généreux; et espérons enfin que le progrès des lumières excitera un jour chez ces victimes l'usage du sens commun que la nature a placé dans le cerveau de tous les hommes, et qu'en acquérant peu à peu le sentiment de leurs forces, ils finiront par se faire admettre dans la grande famille des nations, en marchant à l'aide d'un flambeau

---

como é, 1824-1826”, trad. de Emmy Dodt e Gustavo Barroso, Rio de Janeiro, s/d, pág. 132); João Maurício Rugendas (“Viagem Pitoresca através do Brasil”, trad. de Sérgio Milliet, 4.ª ed., São Paulo, 1949, págs. 167-177); Henry Koster (op. cit., págs. 493 e seguintes); George Gardner (“Viagens no Brasil... durante os anos de 1836-1841”, trad. de Albertino Pinheiro, S. Paulo, 1942); Francis Castelnau (“Expedição às Regiões Centrais da América do Sul”, trad. de Olivério M. de Oliveira Pinto, São Paulo, 1949, pág. 79). Alguns dêles chegaram a afirmar que a situação dos escravos no Brasil era muito mais humana do que nos estabelecimentos franceses e ingleses das Antilhas.

(28). — Cário Prado Junior, em seu livro “Formação do Brasil Contemporâneo”, escreve: “Assim, no campo como na cidade, no negócio como em casa, o escravo é onipresente. Torna-se muito restrito o terreno reservado ao trabalho livre, tal o poder absorvente da escravidão. E a utilização universal do escravo nos vários misteres da vida econômica e social acaba reagindo sôbre o conceito do trabalho, que se torna ocupação pejorativa e desabonadora” (pg. 277).

peut-être moins animé que le nôtre, mais conduisant au même but par des sentiers plus obscurs...".

\*  
\* \* \*

Na opinião de Gallès, a constituição do Brasil era "a mais liberal, a mais democrática das constituições contemporâneas", esclarecendo êle, no que demonstrava andar bem informado, que seus primeiros fundamentos haviam sido estabelecidos pelos Andradas, "cujas virtudes, talento e patriotismo" todo o mundo conhecia. E sem fazer, porém, qualquer menção às lutas já então em plena efervescência entre o absolutismo de Pedro I e o liberalismo de que o melhor pregador era Evaristo da Veiga, em sua folha "Aurora Fluminense", e que viria a culminar com a revolução de abril de 1831, anotava: "La liberté civile, religieuse et commerciale au Brésil, est digne de l'envie des peuples les plus policés. Le Brésilien a le droit de tout dire, tout écrire; sa croyance est subordonnée au sentiment de sa conscience, et les prêtres se garderaient bien d'en violer l'asile sacré...".

Esclarecia o nosso viajante, a seguir, dentro da mesma ordem de idéias, que o brasileiro era livre de transportar seus vinhos, suas mercadorias para o lugar que quizesse, sem que o governo lhe cobrasse um real. "Penso mesmo", continuava êle, "que será impossível impor no Brasil direitos reunidos" — e aqui enganava-se redondamente sobre o nosso sistema fiscal — "tais como, licença, patente, sêlo, registro, etc., sem uma revolução, tanto me acho convencido da maneira como estas mentes vulcânicas estão imbuidas das idéias de liberdade!"(29)

(29). — É certo que uma das causas principais de algumas das revoluções ou motins havidos no Brasil foi a opressão fiscal. Não tiveram elas a virtude, porém, de corrigir o desordenado sistema tributário, quer do Brasil Colônia, quer do Brasil Império. Após a chegada de D. João VI, multiplicaram-se os impostos gerais, não raro sob as mais estranhas figuras, porquanto os direitos de importação, que naturalmente constituíam a maior fonte de receita, longe estavam de satisfazer as crescentes necessidades do erário. "A taxa de trânsito entre as províncias, além de onerosíssima", diz Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, "variava de província em província, salvo por via marítima. Não só ela, como a de siza, os dízimos e o imposto de ouro longe de produzirem, por excessivamente pesados, os rendimentos que, se mais módicas, determinaríam, constituíam formidável embaraço ao desenvolvimento econômico da colônia, cuja capacidade tributária por isso mesmo acentuadamente definhava. A tão defeituoso e arbitrário regime de impostos, evidentemente incompatível com a prosperidade de rendas, acrescia a viciosa organização fiscal, cujos aparelhos de arrecadação e fiscalização funcionavam irregular e frouxamente ("O Ministério da Fazenda da Independência", separata da "Revista do Instituto Histórico Brasileiro". Livraria J. Leite, Rio de Janeiro, pág. 365).

A Constituição do Império, de 25 de março de 1824, consagrara em seu artigo 179, n.º 15, adiantado princípio fiscal: "Ninguém será isento de contribuir para as despesas do Estado, em proporção dos seus haveres". Tal princípio que, a ser observado, implicaria na reforma completa do sistema tributário então vigente, ficou, como não podia deixar de ser, apenas na letra da lei.

É de se notar, ainda, que ao criar em cada Província um Conselho Geral (art. 72), não conferiu a Carta Magna a êsses órgãos com-

O direito penal brasileiro, que se ressentia ainda, ao tempo em que Gallès aqui esteve, do sarro das Ordenações Filipinas, não obstante os avançados princípios estabelecidos na Constituição de 1824, mereceu, também, alguns comentários sobre a sua imperfeição. Mas, nessa época, já estava sendo discutido o importante projeto apresentado em 1827 por Bernardo Pereira de Vasconcelos, o "Mirabeau do Brasil", no dizer de Armitage(30), projeto esse em que iria apoiar-se inteiramente o Código Criminal, aprovado em 1830(31).

---

netência para legislar sobre imposições, cuja iniciativa era atribuição exclusiva da Câmara dos Deputados (art. 36). E a lei orçamentária de 24 de outubro de 1832 é que dividiu, pela primeira vez, a receita pública em geral e provincial. Depois de especificar, em seu artigo 78, os impostos da receita geral, estabelecia no artigo 83: "Pertencem à receita provincial todos os impostos ora existentes não compreendidos na receita geral".

Reformada a Constituição pela lei de 12 de agosto de 1834 (Ato Adicional), as Assembléias Legislativas Provinciais, que substituíram os Conselhos Gerais, podiam legislar "sobre a fixação das despesas municipais e provinciais, e os impostos para elas necessários", conquanto que éstes não prejudicassem as imposições gerais do Estado (art. 10, n.º V). As mesmas assembléias era defeso legislar sobre impostos de importação (art. 12).

Foi a lei de orçamento de 31 de outubro de 1835 que, a seguir, fixou os impostos da receita geral e, conseqüentemente, por exclusão, os da receita provincial.

Mas os limites dessa partilha eram freqüentemente desrespeitados pelas Províncias que, à míngua de recursos, invadiam a esfera tributária do Poder Central. A propósito, merecem ser transcritas, pois refletem bem o panorama fiscal do Brasil Império, as palavras da comissão encarregada em 1883 pelo Ministro da Fazenda, Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, de "rever e classificar as rendas gerais, provinciais e municipais do Império": "É uma verdade desconsoladora! Há quase meio século que vem incessantemente repercutir ante o Governo Central e ante o Parlamento o reclamo angustioso das Províncias do Império contra a partilha de impostos, que se lhes adjudicou no inventário, julgado pela lei n.º 99, de 31 de outubro de 1835. Essas numerosas pupilas acoimam de leonina a distribuição do tutor, acusando-o de abusar da tutela, pois lhes nega o essencial para satisfação de suas mais urgentes necessidades e as condena assim a debaterem-se em dolorosa penúria. Atribuem aos Poderes Gerais o seu atrazo, pois, sem meios de ação, destituídas dos recursos fecundadores de sua riqueza, manietadas no livre exercício de suas forças vivas por impedimentos, que não está em suas mãos remover, não podem marchar senão lenta e quase imperceptivelmente pela estrada incomensurável do progresso, nem desenvolver, na escala conveniente, todos os germens de grandeza e prosperidade, que encerram em seu grêmio. Talvez que esse reclamo não seja plenamente justificado, e se dê exaêgo em tais queixas, que de dia para dia se tornam mais intensas e freqüentes. Apreciada à luz da crítica serena e imparcial a administração de algumas das Províncias, que mais alto erguem o brado, talvez se verifique, em parte, que é devido aos próprios erros, e principalmente à falta de economia, o desequilíbrio entre a receita e a despesa, que se nota em seus respectivos Orçamentos" (Relatório e Projeto de Lei, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883).

(30). — João Armitage, "História do Brasil", 3.ª edição brasileira com anotações de Eugênio Egas e Garcia Junior, Rio, 1943, pág. 244.

(31). — Vejam-se as teses apresentadas à 5.ª Secção (História Parlamentar) do Primeiro Congresso de História Nacional, pelos Drs. Alfredo Pinto Vieira de Mello, Virgílio de Sá Pereira e Helvécio Carlos da Silva Gusmão ("Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro", tomo especial, parte IV, Rio de Janeiro, 1916); o estudo do Prof. Waldemar Ferreira, "O centenário do Código Comercial", in "Revista da Faculdade de Direito", da Universidade de Minas Gerais, de outubro de 1950, bem como a memória publicada pelo Dr. Júlio de Barros Raja Gabaglia, sob o título "As ciências jurídicas e sociais", no Livro do Centenário, III, Rio de Janeiro, 1902.

Fêz referência, também, o autor de "Du Brésil" aos cursos jurídicos criados em Olinda e São Paulo, que êle situou, entretanto, "nos arredores do Rio de Janeiro"; à biblioteca e ao museu da Capital, observando que o amor que a mocidade demonstrava pelo estudo era qualquer coisa de incomum; parecia que "ela, envergonhada de sua ignorância, sentia a necessidade de reparar, por um trabalho perseverante e consciencioso, o tempo perdido na apatia e obscuridade".

\*  
\* \* \*

A riqueza das igrejas no Brasil, com suas imagens e candelabros de prata e ouro maciços, foi outra coisa que causou pasmo a Gallès. As cerimônias religiosas pareceram-lhe de uma pompa e magnificência extraordinárias, embora pensasse que mais valeria aplicar as somas imensas despendidas com as procissões "no reparo das estradas e canais que se encontram num estado lamentável" (32). E numia frase, apenas, sintetiza com grande fidelidade o modo de ser do brasileiro perante a religião: "Le Brésilien observe tout le décorum et l'exterieur du catholicisme, mais il n'est pas foncièrement religieux" (33).

Entretantò, é ao delinear outros traços do caráter brasileiro que Ed. Gallès se mostra mais impreciso, embora dê provas de bom psicólogo, em algumas de suas observações. Começa êle por afirmar: "Os brasileiros são fúteis, presunçosos, mas leais, bons negociantes e muito francos nos negócios. Ligam-se difficilmente a um estrangeiro." Mas continua implacável: "Atrazados em civilização, com todo o exterior da gravidade anglicana e a fleugma do saber germânico, êles são, no entanto, profundamente ignorantes. Os sentimentos de bravura e de patriotismo lhes são desconhecidos, uma vez que estas virtudes são o efeito necessário e imediato da educação nos homens."

---

(32). — O Desembargador João Rodrigues de Britto, ao referir-se, em 1821, ao mau estado dos caminhos no Recôncavo da Bahia, observava com o mesmo espirito objetivo: "Bastaria a despesa que se gasta numa procissão para fazer desaparecer tôdas essas ladairas" (Gilberto Freyre, "Nordeste", 2.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, 1951, pág. 129).

(33). — Freycinet, anos antes, já se scandalizara com a falta de piedade com que os brasileiros se portavam no templo: "Assisti um dia a uma festa religiosa que teve lugar na igreja de Santa Luzia, se é que se pode dar êsse nome a uma reunião considerável de pessoas que parecem ter-se reunido no lugar santo apenas para ver e ser vistas e ouvir boa música". Menos amável é a observação que mais tarde seu compatriota, Abel Du Petit Thouars, faria sôbre o mesmo assunto: "As procissões religiosas são freqüentes, no Rio de Janeiro, feitas com grande pompa. Os assistentes são sempre muito numerosos, porque a população em geral, infelizmente muito depravada e pouco religiosa, atem-se sobretudo à observância das formas do culto externo" (Apud C. de Mello Leitão, "Visitantes do Primeiro Império", São Paulo, 1934, págs. 131 e 133).

O testemunho de Jean Baptiste Debret, em sua "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil", na parte em que trata da "Educação das mulheres" e "Culto religioso" não desmente o que os demais viajantes afirmaram neste sentido.

Esta última afirmativa encontra-se, para consôlo nosso, em flagrante contradição com o amor desenfreado pela liberdade que, logo adiante, Gallès atribui aos brasileiros: "La politique de tout Brésilien se renferme dans le mot *liberté*... Sans connaître les Bossuet et les Royer-Collard, ils établissent *qu'il n'y a pas de droit au-dessus de leur droit*, et qu'aucune puissance humaine ne peut dépasser de leur volonté" (34). A liberdade é a deusa que os brasileiros cultuam, "é o ídolo diante do qual se prosternam religiosamente, é por ela que seriam capazes de provar um dia, àquêles que tentassem roubar-lha, que uma nação sem força nem espirito belicoso, sem gênio nem tática militares, pode encontrar todos êsses elementos de poderio na firme e unânime vontade de repelir a servitude e a tirania".

Embora comente o assunto com aparente bom humor, nada deve ter irritado mais o nosso viajante do que a gabolice dos brasileiros, que, pelo seu testemunho, se julgavam superiores aos franceses, por um raciocínio muito simples: "Nós", diziam êles, "somos filhos de Portugal, que bateu a Espanha; logo se esta venceu os franceses...". Ou, em outras palavras, segundo a pitoresca transcrição de Gallès: "*Nos estamos os vencedors do vencedor das vencedors!*"

Daí, talvez, a pressa com que êle acrescenta: "A inveja, que aliada ao orgulho, é a pedra de toque do caráter brasileiro, conduz-os (os brasileiros), freqüentemente, a atos de crueldade e de desespero".

\*  
\* \* \*

Não discrepam das narrativas de outros viajantes da época, e até de tempos bem posteriores, as ligeiras observações que o nosso autor faz, também, a respeito da vida social no Brasil. Nada de passeios, nem divertimentos. Se havia, de vez em quando, e por circunstâncias extraordinárias, algumas reuniões, as mulheres, que não saíam à rua senão para ir à igreja e ao teatro, eram delas excluídas (35). Mas, mesmo assim, as representantes do sexo fraco

---

(34). — As palavras em *itálico*, nesta transcrição, encontram-se assim no original.

(35). — Muitos anos depois da visita de Gallès ao Brasil, Elizabeth Cary Agassiz ainda anotava em seu diário de viagem: "Efetivamente, nunca conversei com as senhoras com quem de mais perto privei no Brasil que delas não recebesse as mais tristes confidências acêrca de sua existência estreita e confinada. Não há só uma brasileira, que tenha um pouco refletido sobre o assunto, que não se saiba condenada a uma vida de repressões e constrangimentos. Não podem transpor as portas de sua casa, senão em determinadas condições, sem provocar escândalo. (...) Mesmo quando as brasileiras tenham recebido os benefícios da instrução, há, em sua existência doméstica, tanta compressão, elas estão tão pouco em ligação com o mundo exterior, que isso basta para por um obstáculo ao seu desenvolvimento intelectual; os seus prazeres são tão mesquinhos e raros como os seus meios de instrução" (Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, "Viagem ao Brasil — 1865-1868", trad. de Edgar Sussekind de Mendonça, São Paulo, 1938, págs. 569-70).

não deixaram de causar-lhe forte impressão: “quoique très brunes, elles y sont d'une beauté rare; mais à peine le bouton a-t-il paru que la rose commence à se flétrir!...”.

E ao encerrar estas primeiras considerações sobre o Brasil, com um apêlo lírico aos seus concidadãos para que soubessem sacrificar, em qualquer tempo e em qualquer lugar em que se encontrassem, a causa individual pela causa comum, Gallès escrevia com uma ponta, talvez, de falsa modéstia: “Eis, sucintamente, as idéias gerais que julguei dever pôr à testa de meu trabalho; elas aí estão, evidentemente, sem ordem e sem arte; mas repito, mais uma vez, que estou escrevendo para o comércio e não para a Academia; dou-me por satisfeito se me fiz entender, pois não tenho dúvida de haver rompido um silêncio vantajoso para alguns interesses particulares, mas prejudicial aos interesses da coletividade”. E isto com uma grande barretada, coisa em que Gallès viria a tornar-se mestre, ao sucessor de Luiz XVIII: “De quelque classe, de quelque rang que vous puissiez être dans la société, faites parvenir vos avis jusque sur les marches du trône, ils y seront accueillis par un roi sage et constitutionnel, que, satisfait de l'éclat de sa couronne, ne demande au Ciel d'autre félicité que la gloire et le bonheur de ses sujets”.

*(Continua no próximo número)*

**GUILHERME DEVEZA**